
EDITORIAL

Em meados de 2012, os terapeutas ocupacionais da Bahia e do Brasil, receberam com satisfação o comunicado de que ações voltadas para a Terapia Ocupacional, realizadas pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, seriam retomadas, entre elas a reabertura do Curso de Terapia Ocupacional, a reestruturação do Serviço de Terapia Ocupacional - SERTO, bem como a reativação da Revista Baiana de Terapia Ocupacional. Naquele ano, houve inclusive um evento em comemoração aos 40 anos do Curso de Terapia Ocupacional da Bahiana, com muitos professores e colaboradores homenageados. Passado pouco mais de um ano, vimos que muito pouco do que foi proposto de fato se efetivou. Este editorial é um retorno aos terapeutas ocupacionais que acreditaram nas propostas de inovação e continuidade da formação em Terapia Ocupacional na Bahia.

Não caberá neste espaço abrir uma discussão sobre as implicações ocorridas para a reabertura do Curso ou quanto à impossibilidade de reestruturação do Serviço de Terapia Ocupacional. Algo que intriga os terapeutas ocupacionais é a dificuldade de manter a formação em Terapia Ocupacional na Bahia, estado de tamanha dimensão territorial e com histórico importante da profissão. Por que até hoje não conseguimos, com tantos esforços já realizados, termos não apenas um, mas muitos cursos de Terapia Ocupacional na Bahia? Por que após tantos anos em curso e com tantos profissionais já formados, envolvidos na gestão pública, na profissão em diferentes áreas de atuação, na docência, entre outras atividades, temos tido tantas dificuldades para consolidarmos a profissão no estado? Será que este é um problema exclusivo da Terapia Ocupacional? É um problema relacionado à formação de recursos humanos na saúde atualmente? São os interesses, mais de atender ao mercado que das necessidades de populações historicamente desassistidas? Essas são algumas questões para refletirmos juntos e, quem sabe, fazer dessa reflexão motor para uma ação que transforme esse horizonte nos próximos anos.

Teríamos muito que discutir sobre o tema, mas este editorial refere-se particularmente ao segundo e talvez último número da Revista Baiana de Terapia Ocupacional, após sua reativação. É com esta edição que iremos fechar mais um ciclo e com a grata colaboração de autores, avaliadores e leitores que contribuíram fortemente para sua realização. Com a retomada da Revista em 2012, é importante dizer que foi expressivo o número de manuscritos submetidos ao periódico. Mais relevante ainda é que parte considerável dos artigos submetidos é proveniente de outros estados e universidades, fruto dos estudos e pesquisas realizados em parceria com professores e pesquisadores de Terapia Ocupacional de todo País. O leitor se perguntará por que então tão baixo número de artigos publicados nesta edição? É preciso dizer que um periódico, para sua efetivação, necessita de árduo trabalho de uma equipe, na divulgação, comunicação com autores e avaliadores, e principalmente de um conselho de editores responsável pelo acompanhamento e organização do trabalho. Não sendo assim, é praticamente impossível dar conta das demandas e necessidades de uma revista científica de

qualidade. Deste modo, a Revista também encerra suas atividades com este número, mas oferece aos leitores trabalhos produzidos especialmente para esta edição.

O artigo de Andrea Ruzzi-Pereira, Marina Ferreira Aleixo de Paula e Paulo Estevão Pereira apresenta uma pesquisa, fruto de trabalho de conclusão do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, que investigou as diferenças do brincar de crianças com dificuldade de aprendizagem em contexto escolar. O estudo evidencia o número expressivo de crianças com dificuldade de aprendizagem que estão atualmente no ensino básico e a necessidade de conhecimento sobre essa realidade para uma intervenção eficiente. Salienta a importância do terapeuta ocupacional na escola, profissional que deverá estar preparado para diagnosticar a situação e acompanhar os processos.

Nesta edição teremos três artigos de revisão da literatura. Entre eles, os artigos de Francielly Zilli e de Thelma Simões Matsukura e Mariana Soragni que resultam de revisões de literatura sobre a atuação dos terapeutas ocupacionais na atenção a crianças. O primeiro, junto às crianças com paralisia cerebral, especificamente a produção da literatura destinada ao conhecimento do problema, os níveis de atuação dos terapeutas ocupacionais e particularmente as abordagens técnicas para o tratamento e atenção aos indivíduos acometidos. O segundo, uma revisão de literatura nacional e internacional pautada na atuação dos terapeutas ocupacionais junto a crianças com autismo. Há ainda o artigo de Monique Carla da Silva e Morgana Kallany Viana de Araújo sobre a produção em Terapia Ocupacional relacionada à reforma psiquiátrica no Brasil e o modelo de reabilitação psicossocial. Trabalhos de revisão da literatura são de extrema importância na formação dos estudantes e pesquisadores, particularmente por evidenciar a produção de conhecimento científico em uma dada área de abrangência.

Por último, há o artigo de Teresa Baraúna, um relato da experiência de gestão no Serviço de Terapia Ocupacional da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. A autora ressalta as contradições entre a teoria e a prática existentes para fazer valer os princípios da sustentabilidade na gestão de empresas.

Assim, encerramos nossas atividades agradecendo a todos que contribuíram e continuam contribuindo para o fortalecimento da Terapia Ocupacional na expectativa de que um futuro promissor para a profissão e para os terapeutas ocupacionais na Bahia esteja por vir.

Adriana Miranda Pimentel